

Nº 5

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 20 DE ABRIL DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

PRIMEIROS MOMENTOS DA EVOLUÇÃO ETHICO-JURIDICA;—O SELVAGEM

(Continuação).



Com estas e outras crenças espalhadas e facilmente impostas á ingenuidade do selvagem, a collectividade ia regulamentando o exercicio da caça em beneficio de todos. Aquella lenda citada podia ser traduzida em artigo de lei, do modo seguinte : E' prohibido matar animaes de caça durante o periodo em que amamentam os filhos.

E ninguem desconhecerá quanto vae de sabia prudencia nessa injunção, para um povo que nas raizes das arvores sylvestres e nos animaes bravios tinha todo o material de sua subsistencia. Os indios sabiam domesticar alguns passaros e mesmo quadrupedes, mas não sabiam aproveitar o animal como auxiliar de suas industrias, nem possuiam rebanhos de onde tirassem meios de sustento. Sua fazenda e seu celeiro era a floresta virgem.

Nas relações familiares como nas sociaes, deparamos com a mesma differença de typos ou de desenvolvimento. Algumas tribus praticavam o mais desenvolto hetairismo, aggravado excessivamente nos aldeamentos presididos pelos povos civilisados, outras eram monogamas e de um rigor extraordinario nas relações matrimoniaes, admittindo licença, aliás, na vida anterior ao casamento. A lenda de Mani é uma prova de que havia leis ethico-religiosas prohibitivas da copula indisciplinada, ao menos em algumas nações.

Ainda em nossos dias os *Guatós*, que habitam os campos do alto-Paraguay, não são monogamos, porem, entre elles, a mulher, contam os viajantes, não ousa encarar outro homem que não seja o marido.

Os *Chambioás*, no Amazonas, são igualmente rigorosos em suas relações de família, condemnando á morte as adúlteras e mantendo essa instituição singular dos *virí viduarum* de que nos fala Couto de Magalhães. (1)

Simão de Vasconcellos nos assegura que, certas nações instituíram o costume de os irmãos sobreviventes se casarem com as viúvas dos irmãos falecidos para ser conservada a geração, e nisto, diz o padre que se pareciam os índios com os judeus. Devo acrescentar que entre povos arianos o mesmo costume é mais generalizado que suppunha o velho chronista.

O pae era o chefe da família, chefe supremo, de poder incondicionado. Entretanto parece que houve um tempo em que as relações familiares eram todas pelo lado materno, tal como sabemos que existem entre os povos arianos e outros, ao tempo do matriarchado. O que me leva a pensar deste modo é, em primeiro lugar esse costume referido pelos chronistas de sujeitar-se o pae do recém-nascido ao resguardo que devera ter não elle, porem sim a mulher. Parece que o selvagem tinha a crença de que somente o acto de dar a creança á luz é que estabelecia as relações entre esta e a mãe, e querendo elle concentrar em si todos os direitos da família, simulava soffrer em consequencia do parto.

Outra razão eu colho das palavras com que os índios designavam as relações entre o mundo e as divindades.

Jacy, a lua, que assimilha-se a Tanit dos phenicios com acção mais restricta, é a mãe dos vegetaes, de *ja*, fructa, brotar, e *cy* mãe. *Coroacy*, o sol, é a mãe dos viventes, de *guára* ou *codra* vivente e *cy* mãe. Isto indica bem claramente que, ao tempo da formação destas palavras o elemento creador era, para os tupys-guarany, somente o femenino (2).

O casamento se fazia, em quasi todo o Brazil, sem formalidades, pelo simples consenso das partes e dissolvia-se tambem pelo mesmo

(1) Op. cit. pag. 115.

(2) Depois vieram outras idéas, suppoz-se o filho exclusivamente procedente do pae, como demonstram, entre outros, os nomes de *cunhan-membira* e a respectiva festa. *Cunha-membira* era o filho do prisioneiro que ia ser immolado, e como tal reputado sangue do inimigo embora procedesse de uma mulher da tribu.

modo. Contam entretanto alguns auctores que, tractando-se de uma virgem de grande estimação por sua formosura ou de familia nobre, se assim pode-se dizer, exigia-se que o noivo praticasse algum feito brilhante para merecel-a. Certas tribus eram exogamas; iam tomar raparigas á outras aldeias; outras estabeleciam jogos para experimentar a destreza dos pretendentes (3).

A mulher, desde que podia prestar serviço, ia auxiliar a mãe no arranjo domestico, apanhar agua e lenha, preparar a comida, transportar os objectos de uso diario nas viagens e mais incommodos, pois o marido ou o pae só tinha que conduzir o arco. Attingindo a puberdade necessitavam de purificar-se, e abriam incisões no seio e nas pernas para indicarem a todos que já eram nubeis. Mas emquanto virgens (*cunhan-cuarayna*) traziam atado aos braços ou a cintura uma cinta que deviam romper logo que se casasem ou de qualquer forma perdessem a virgindade. E' costume identico a de muitos povos do oriente e d'Africa. Quem não se recorda das *chaintes* de Salambô que se romperam na tenda de Mathô?

CLOVIS BEVILAQUA.

(3) G. Dias — Op. cit. p. 196.

A EDUCAÇÃO NACIONAL (1)



o Brazil, o problema pedagogico tem uma importância capital.

A principio, libertámos o filho d'Africa, e depois proclamámos a Republica Federativa; o que quer dizer que precisamos substituir o trabalho muscular pela força mental e subordinar os elementos heterogeneos do paiz á unidade escolar.

(1) Este artigo é extrahido do relatorio, que o auctor na qualidade de Inspector Geral da Instrucção Publica apresentou ao Governador do Estado, d'Exmo. Sr. Dez. José Antonio Corrêa da Silva.

Produzir e produzir muito deve ser a divisa de todo aquelle que, sob o ponto de vista economico, quizer concorrer para o engrandecimento de nossa Patria; mas, como produzir muito sem instrucção, quando é certo que os principaes meios de producção são as acções das forças da natureza, postas em jogo pelo poder mental do homem?

Sem instrucção, seria impossivel applicar as descobertas scientificas ás necessidades da vida pratica, principalmente da agricultura — a nossa grande fonte de riqueza.

A agricultura moderna, como já tive occasião de dizer, é uma espiritualisação da terra, isto é, uma applicação das leis physicas, chimicas e biologicas ao desenvolvimento do mundo vegetal e animal.

Despedaçada a forma monarchica pelo movimento federalista em um paiz, como este, em que a escola foi sempre mantida no mais atrophizador isolamento, sem a minima ligação com a idéa e sentimento de Patria, para inaugurarmos um regimen francamente democratico, sem despertar velleidades de separação, temos necessidade de organizar a escola, de maneira que dê á Nação a maxima cohesão de idéas e solidariedade de sentimentos.

Já ninguem se lembra de tratar as sociedades como abstracções; hoje as nações são encaradas como organismos, que se desenvolvem segundo leis proprias no tempo e no espaço.

Mas, como organismos que desenvolvem-se, as sociedades estão subordinadas a condições; e entre a variedade infinita de condições, a que estão sujeitos os organismos sociaes, ha tres principaes sem as quaes não se poderia comprehender o desenvolvimento da vida de um povo, a saber: solo, lingua e tradições communs.

Temos continuidade de solo, unidade de lingua, mas falta-nos communidade de tradições.

Em geral, ignoramos o que pensaram e sentiram os nossos antepassados, que virtudes os animaram, que concepções se produziram em seus cerebros, que idéas presidiram aos seus actos.

D'ahi, a necessidade de nacionalisar a educação, de organizar a escola de harmonia com os nossos usos, costumes e tradições, de aproveitar as forças vivas do paiz na formação do character do cidadão brasileiro.

Ao subir ao throno escreveu Frederico III a Bismarck:

"Considero a questão da educação da mocidade intimamente ligada ás questões sociaes. Uma educação mais elevada deve ser

dada a camadas cada vez mais extensas; mas convem evitar que uma semi-instrucção venha crear graves perigos, que faça nascer pretenções de existencia, que as forças economicas da nação não poderiam satisfazer."

Realmente a educação nacional é mais alguma cousa do que uma simples questão de metaphysica politica, que possa ser decidida *a priori*; é um assumpto de elevado patriotismo, em que se requer uma grande provisão de saber, e em que se deve ter muito em consideração a experiencia da historia, a licção dos factos, a força das circumstancias.

Nos Estados-Unidos a educação nacional paira acima das conveniencias dos partidos e do amor proprio dos individuos, sendo a preocupação constante d'aquelles que aspiram ou assumem a direcção do paiz, segundo attesta Horacio Mann nos seguintes termos:

"O primeiro dever dos nossos magistrados e dos chefes da nossa republica é subordinar tudo a este interesse supremo. Em nossos paizes e em nossos dias, ninguem é benemerito do titulo de homem de estado, si a educação practica do povo não tem o primeiro lugar no seu programma. Póde um homem ser eloquente, conhecer a fundo a historia, a diplomacia, a jurisprudência, o que lhe basta aliás para pretender a elevada condição de homem de estado; mas se suas palavras, seus projectos, seus esforços, não forem por toda parte constantemente consagrados á educação do povo, elle, não é, não póde ser homem de estado americano."

Nada de mais justo e de mais legitimo do que negar as honras de estadista áquelle que, por mais vastos que sejam os seus conhecimentos e por mais desinteressadas que sejam as suas intenções, não faz da educação nacional o objecto de seus continuos esforços, como pedra angular, que ella é, de todo desenvolvimento politico, economico e social do paiz.

Mas, o que deve entender-se por educação nacional, e qual o fim a que deve visar?

Entendo por educação nacional a que sai do proprio seio da nação, de harmonia com a economia geral do organismo social sob a influencia do solo, do clima, da raça, emfim de todas as circumstancias, em cujo meio o Estado vive e desenvolve-se.

"Não convem encarar, diz Dreyfus-Brisac, as instituições escolares como seres abstractos e isolados; mas pelo contrario collocar-as em seu quadro natural no meio social e politico, em que são destinadas a viver e a desenvolver-se."

Quanto ao fim parece-me que a educação deve considerar o individuo, não isoladamente, mas como membro do grande ser colectivo, a cuja sorte está ligado.

A este respeito escreve Guyau : “ Costumam perguntar se a educação tem um fim individual ou um fim social ; ella tem esses dous fins ao mesmo tempo: é precisamente a investigação dos meios para pôr de accordo a vida individual mais intensa com a vida social mais extensiva.”

A verdadeira educação tem um fim mais elevado do que a cultura dos individuos considerados isoladamente, visa a vitalidade intellectual e moral de uma raça, sendo os individuos encarados como células da realidade viva, do ser organico, que chama-se sociedade.

Assim a pedagogia vem a ser uma questão de sociologia practica, sendo certo que para organizar a educação de um povo é preciso attender, além das leis que regem os phenomenos sociaes, aos costumes e tradições, tendencias e aspirações nacionaes.

A questão da nacionalisação do ensino se prende intimamente a da organização do magisterio.

Thibadeau entendia que em materia de ensino devia “ abandonar-se tudo á influencia salutar da liberdade, da emulação e da concorrência.”

Guizot, porem, segundo nota Laveley, resumio em algumas palavras decisivas a experiencia do passado a este respeito.

“ Nunca, diz aquelle valente pensador, n’um grande paiz, uma grande mudança, um melhoramento consideravel no *systema* da educação nacional, foi obra da industria particular. E’ preciso um desprendimento de todo interesse pessoal, uma elevação de vistas, um conjuncto, uma permanencia de acção, a que ella não pode tocar.”

Mas em que medida devem intervir os poderes publicos, Estado ou communa, na organização do ensino ?

Aqui começam a surgir as difficuldades em face dos partidarios do poder central ou das administrações locaes.

Laveley, depois de expôr os argumentos pró e contra a administração das escolas pelos municipios, principalmente no que diz respeito á nomeação de professores, entende que os motivos invocados em favor da administração central são muitos serios.

Em primeiro lugar, os conselhos municipaes não são os mais aptos para felizes escolhas, os mais competentes para a apreciação do merito.

Em segundo lugar, sem hierarchia, sem perspectiva de avanço, não ha corpo docente, não ha zelo, actividade, emulação e todos os poderosos elementos de desenvolvimento da instrucção.

Em terceiro lugar, a instrucção publica é um dos principaes elementos de articulação e organização dos Estados, e por conseguinte contra o argumento, de que são os conselhos municipaes, que melhor apreciam as necessidades da localidade, ha a observação de que o ensino publico é questão de interesse geral e não local.

A escola não se prende simplesmente á vida local como o mercado, o theatro, a praça, o cemiterio, a rua, o aqueducto; é o traço de união entre os diversos elementos organicos do Estado, é uma das mais altas funcções da vida nacional.

Guyau, que é um brilhante escriptor ao mesmo tempo que um valente pensador, exprime-se a respeito desta questão nos seguintes termos :

“ Em nossos dias, quizeram substituir o Estado pela communa, e attribuir a esta o direito de dirigir inteiramente á sua vontade as escolas de sua circumscripção. Mas respondeu-se com razão que a maior parte das communas de França, mesmo fundamentalmente modificadas, seriam incapazes de organizar um ensino serio. No maior numero de casos, entregariam a educação da mocidade a innovadores intelligentes, mas inexperientes, ou a charlatães : umas vezes a congregações religiosas, outras a seitas anti-religiosas; tudo isto, segundo a moda do dia e o arrastamento de momento. As communas, que se apegasse má rotina escolar, se exporiam menos a decepções. A mocidade de um paiz é o seu orgulho e a sua riqueza: não pode ficar entregue áquelles que aspiram tomal-a para objecto de experiencia *in anima vili* ou para instrumento de politica.”

Segundo o testemunho de Claudio Janet, *Estados Unidos Contemporaneos*, vol. 2. cap. 27 § 5, a nova direcção que se opera entre os nossos irmãos do Norte é no sentido de centralisar a instrucção publica.

Quasi todos os Estados da União Americana têm agora um super-intendente da educação, que pouco a pouco vai subordinando a si os *boards of hool* das localidades, e o que é mais interessante é que o Congresso procura estabelecer um *systhema* geral de ensino publico.

Para mim, é preciso elevar a questão, deixar o velho e acanhado lemma da centralisação ou descentralisação para considerar a educação nacional, conforme entende Dreyfus-Brisac, não como a obra

de taes ou taes corporações livres ou officiaes, como a funcção de taes ou taes estabelecimentos publicos ou privados, mas como o esforço continuo e perseverante da propria nação, trabalhando com todas as suas forças e por todos os meios ao seu alcance para a cultura energica e intensiva e para o desenvolvimento normal e progressivo de todos os seus poderes intellectuaes e moraes."

As nações são organismos que desenvolvem-se, e como taes as suas funcções se integram, ao mesmo tempo que se differenciam.

Dá-se nas sociedades o mesmo que no cosmos : á proporção que as forças espalhadas no universo se concentram, as massas gravitam com mais intensidade e gyram com mais regularidade em torno dos centros de attracção.

Ainda ha quem pense que a liberdade politica consiste na autonomia das communas e que a grande difficuldade a resolver-se entre os povos modernos é a conciliação da independencia dos municipios com a unidade politica do estado.

Aquelles que assim imaginam, esquecem-se de que a autonomia das communas, tal como existio na idade media e desenvolveu-se mais tarde entre os anglo-saxões é um producto do sentimento da personalidade individual do antigo germano.

Entre os Tedescos este sentimento desenvolveu-se no mundo da especulação e chegou ao *monismo*, entre os inglezes progredio no mundo da acção e deu um resultado o *self-government*.

Mas entre os povos grego latinos os municipios de cidades soberanas, que eram, passaram a ser simples divisões do Estado.

" Na antiguidade classica, diz Diodato Lioy, havia communas autonomas ; mas eram estados soberanos. Cahindo sob o poder de Roma, perderam a soberana prerogativa de fazer a paz e a guerra, o direito de legislar e o de lançar impostos. Não restou senão uma só communa soberana, Roma, que reinava sobre um grande numero de outras communas, que não tinham mais senão uma existencia civil."

As communas da idade média não são, pois, ressurreições da antiga organização municipal romana. A *Historia da Constituição dos Municipios Italianos*, pelo illustre Carlos Hegel e a *Historia das Communas lombardas, desde a sua origem até o fim do seculo XIII*, por Haulleville não deixam pairar a menor duvida sobre a origem germanica das communas medievas.

Instituição, porém *congenial* da raça germanica, a autonomia municipal seria uma anomalia, senão uma utopia, entre povos de

origem latina, nos quaes predominou constantemente o sentimento da solidariedade a mais intensa, esforçando-se sempre o Estado por imprimir a maxima cohesão e direcção ás funcções do organismo social.

Entretanto, forçoso é ir adiante e reconhecer que mesmo entre povos de origem germanica, a autonomia dos municipios hodiernamente não passa de um anachronismo, ou melhor de um caso de *misoneismo*, como uma instituição caduca, que não continúa a attrahir a admiração e o respeito do maior numero senão por força do habito e horror do novo.

Realmente, a autonomia das *communas* se foi uma necessidade historica em face do regimen feudal, já não tem razão de ser em face dos sentimentos e affectos, que constituem as modernas nacionalidades.

Vida patriarchal, vida municipal e vida nacional, são os tres grandes momentos da vida social; ou como diria Carle, "*di un medisino processo, in cui lo stato che precede contiene in se medisino i germi di quello, che vien dopo.*"

Deixemos, pois, de lado a formula metaphisica da descentralisação, que não tem trazido nenhum resultado pratico, não precisando o limite, que distingue o interesse nacional do local e procuremos um outro *criterium* para determinar as relações da Escola com o Estado.

Nos organismos individuaes superiores constata-se duas classes de phenomenos bem distinctos e caracteristicos: uns, relativos á nutrição, isto é, a tudo quanto diz respeito á digestão, á circulação e á respiração; outros, referentes ás relações dos individuos com o mundo exterior, especialmente á sensibilidade e á contractibilidade.

A essas duas cathogorias de phenomenos correspondem dois grandes *systemas* com órgãos especiaes, que desempenham funcções particulares: o *systema circulo-respiratorio*, que regula os phenomenos de nutrição, e o *systema nervo-motor* que rege os phenomenos de relação e locomoção.

Nos organismos sociaes notam-se equivalentemente os mesmos phenomenos: uns que dizem respeito a producção, distribuição e consumo das riquezas, com os seus respectivos órgãos, taes como fabricas, vias de comunicação e transporte, bancos, constituindo o seu todo o *systema economico-social*, que corresponde ao circulo-respiratorio nos individuos; outros, relativos á defeza e á direcção na-

cional, tendo por órgãos o magisterio, a força publica, a magistratura, formando o seu conjuncto o *systhema politico-social*, á semelhança do nervo-motor nos organismos individuaes.

Entre os órgãos mais importantes do *systhema politico* ou nervo motor social está o magisterio, cuja funcção se me afigura a principal do centro cerebral da sociedade.

Com effeito; si em uma sociedade politicamente considerada, em um Estado, a força publica é o órgão da motricidade contra as aggressões internas e externas, si a magistratura é o órgão da vontade collectiva, que se traduz por leis, costumes e tradições, o magisterio é o órgão da intelligencia social, que — além de sciencia propriamente dita — é senso commun, opinião publica.

Assim, posto que a sociedade não seja uma individualidade que caia sob os sentidos, póde dizer que nella o magisterio é o cerebro que pensa, a magistratura — o coração que quer, a força publica — a mão que executa.

Mas, no mundo psychico o pensamento tende sempre a servir de guia á vontade e á acção, quer para transformar o idéal em real, quer para tirar do real o idéal, de modo que o magisterio — como órgão da mente social — entra como principal factor na organização politica dos Estados.

Nestas condições, comprehende-se, o magisterio não póde estar sujeito a nenhum outro órgão social, principalmente de cathegoria secundaria, chame-se communa ordem ou corporação, mas, pelo contrario, deve ter toda autonomia, o que não significa que exclua a existencia de uma forte organização, não só para assegurar o seu completo funcionamento, mas tambem para manter a harmonia geral, o equilibrio intimo de todo o organismo.

Royer-Collard, citado por Adriano Dupuy, disse em 1822: « Vimos a velha sociedade perecer, e com ella uma multidão de instituições domesticas e magistraturas independentes, que trazia em seu seio feixes poderosos de direitos privados, verdadeiras republicas na monarchia. Nenhuma dessas instituições sobreviveu, e nenhuma outra tomou o seu lugar. A Revolução não deixou em pé senão individuos.

Os dois grandes sentimentos da solidariedade social e da personalidade individual, sobre cuja acção e reacção repousa o moderno drama das cousas civis e humanas, não deixaram em pé, face a face um do outro, senão o individuo e o Estado, ora contrapondo-

se, ora auxiliando-se, mas acabando sempre, segundo a expressão de Carle, por partilhar a mesma sorte e destino.

O problema da educação nacional é complexo : a sua solução depende do conhecimento da vida physica sob a influencia do solo e do clima, da vida ethnica sob a influencia dos costumes e tradições, e da vida psychica sob a influencia das tendencias e aspirações.

Infelizmente, até hoje, os pensadores se têm collocado, exclusivamente, em algum desses pontos de vista, attribuindo influencia decisiva ora á natureza exterior, ora ás raças, ora a causas puramente intellectuaes e moraes.

Assim, para Charron : " La première, plus notable et universelle distinction des hommes, qui regarde l'esprit et le corps et tout l'estre de l'homme, se prend et tire de l'assiette diverse du monde, selon laquelle le regard et l'influence du ciel et du soleil, l'air, le climat, le terroir, sont divers. Aussi sont divers non seulement le teint, la taille, la complexion, la contenance, les mœurs, mais encore les facultés de l'ame. "

Não menos mesologista se mostra Paulo Mougeolle, quando nos *Problemas da Historia* se exprime nos seguintes termos : " Pelo que pertence ao movimento de expansão, pôde-se dizer que a civilização, nascida nas regiões quentes do globo, avançou cada dia mais para o polo. Em toda extensão de cada zona thermica, ella marchou ora em direcção ao Oriente, ora em direcção ao Occidente, segundo a configuração das diversas regiões; e no interior de cada terra, as cidades que a representam e a centralisam, a principio assentadas no cimo dos montes, foram descendo para a planicie, em toda extensão do valle, e progressivamente chegaram até o mar. "

Contra esta theoria levantou Volney a objecção de que, sob a influencia de um mesmo clima, muitas civilizações têm mudado, já para progredirem, já para decahirem.

" Porque, diz o autor da *Viagem á Syria*, nas mesmas regiões em que se desenvolveu outr'ora tanta energia, reina hoje uma inercia tão profunda? Porque esses Gregos modernos tão aviltados sobre as ruínas de Sparta e de Athenas, nos campos de Marathona e das Thermopylas ?

Dir-se-á que os climas mudaram ? Onde as provas ? E supponhamol-o : mudaram, pois, por saltos e cascatas, por quedas e retrocessos; o clima dos Persas mudou, então, de Cyro a Xerxes; o

clima do Athenas mudou, então, de Aristides a Demetrio de Phalera; o de Roma, de Scipião a Sylla e de Sylla a Tiberio. O clima dos Portuguezes mudou, então, desde Albuquerque, e o dos Turcos desde Solimão. ”

A objecção de Volney, segundo observa Mougeolle, “ foi reproduzida por um grande numero de historiadores contemporaneos, e deu lugar á theoria das raças, em virtude da qual as civilisações tem variado por qualidades ethnicas, que foram se transmittindo de geração em geração entre os differentes povos.

Mas, além daquellas aptidões, entram tambem como factor do movimento social as idéas e os sentimentos, as tendencias e aspirações, a que vêm juntar-se as grandes descobertas e invenções.

Não é, pois, sem razão que Carle distingue o desenvolvimento das sociedades em *evolução*, producto das forças physicas, *civilisação*, producto das forças ethnicas, e *progresso*, producto das forças intellectuaes e moraes ; notando, porém, que estas manifestações da vida social prendem-se, ligam-se, combinam-se para formarem a consciencia collectiva, o genio nacional.

Forçoso é, pois, insistir sobre este ponto : somente uma solida educação nacional, organisaada de accordo com as forças physicas, ethnicas, moraes e intellectuaes do paiz poderá fazer com que o povo brasileiro desempenhe brilhantemente o seu papel no glorioso scenario da historia.

ARTHUR ORLANDO.

O NAUFRAGIO

(A PROPOSITO DO SINISTRO DO BAHIA)



Ói horrendo e cruel ! Este bandido — o Acaso
Vendo, ha dias, que o ceo estava como um vaso
De ebano a despejar estrellas pelo espaço;
Vendo a Noite a sonhar, e o mar como em cansaço
Beijar languidamente a linha do horisonte;
Vendo a paz na amplidão; vendo a amplidão, de fronte

Pensativa, a ostentar o nocturno capuz,
— Um capuz feito só de nuvens e da luz
Peneirada que cae do olhar da Nebulosa;
Vendo a terra distante e vendo a Morte ociosa;
Quiz deitar um borrão nessa tela; quiz pôr
Nessa calma infinita um enorme estertor.

E pairou torvamente em cima do oceano
Como um corvo brutal, como um grande milhano.

Perto vinham cortando a agua phosphorescente
Dois grandes leviathans, duas ilhas, que a gente
Poderia tomar por cidades boiantes,
— Dois navios. Em face um do outro, offegantes,
Iam dizer adeus entre si sacudindo
Pelo ar seus pennachos de fumo, e seguindo
Cada um seu roteiro e seu feliz destino.

Mas o bandido audaz o misero assassino
Acaso, mais cruel que Siva e que Moloch,
Teve um sorriso crú, fino como um estoque,
Envênenado como uma flecha tupy,
E com pulso de bronze arrojou para ali,
Para o mesmo caminho e para a mesma vaga,
Os dois barcos.

Horrendo ! uma fulgente baga
De pranto deslisou de uma constellação
E ficou scintillando em meio a escuridão,
Como um soluço bom crystalisado e enorme !

Havia se passado um *não sei que* de informe,
De indizível e ruim, de barbaro e fatal,
De tragico sangrento e lugubre e infernal,
Acolá sob o palio do Céu, sob o pulso
Do Acaso, e sobre o mar — o largo mar convulso !

Algun tempo depois cada onda era um braço
Supplicante, estendido hirtamente no espaço.
Cada froco de espuma envolvia a cabeça
De alguem, fosse este alguem uma alma indefessa
De marinheiro audaz, ou fosse uma creança
Franzina e lyrial, só costumada a mansa
Ondulação feliz do regaço materno :

Dante não viu peor nos circulos do Inferno !

* * *

Horas após o Sol apontava ao Nascente
Sarjando de escarlátê a vastidão dormente,
Illuminando toda aquella scena horriavel...

E em quanto Jeovah somnolento, impassivel,
Espraiava no azul o seu olhar cansado,
— O olhar de velho Deus secular e sagrado,
Para encher-se de luz e do efflúvio da aurora;
Ô Acaso bestial lá em baixo, la fóra,
Olhava com prazer os naufragos levados
Pelas aguas crueis, co'os membros retesados
Na ancia derradeira !

O' velho Deus! não sei
Quem mais cruel: si tu, si o Acaso; não sei !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

O Principio Psychologico no Ensino



a falta, quasi geral do estudo da sciencia psychologica, que deixou o meio metaphysico em que se achava, para constituir-se de accordo com as observações nos individuos de toda a condicção, raça e idade e com os dados

fornecidos pela physiologia e pela pathologia mental, nascem os grandes erros da educação e instrução do nosso povo.

Em nossos dias as reformas, as escolas e os preceptores que não attendão aos resultados obtidos pela sciencia do espirito, serão improficuos ao engrandecimento do paiz.

Sabemos que é facil dirigir as intelligencias, sujeitando-as a uma disciplina severa e uniforme.

Sabemos que muito custa estudar a intellectualidade de cada alumno, descobrir-lhe os sentimentos, apreciar a evolução mental e emocional das crianças e basear nestes trabalhos a arte do ensino. Mas, é isto o que estabelece a sciencia hodierna e somente assim poder-se-á alcançar, um dia, a realidade da educação popular, cuja falta origina a somma de males roubadores da felicidade brasileira.

Já no seculo passado Rollin, o celebre autor do *Traité des études*, dizia nos que era preciso estudarmos o character dos meninos, para ficarmos em condicção de bem dirigir-os; e, muito antes, Montaigne havia reconhecido a impossibilidade de ensinar os homens sem estudal-os, dia a dia.

Da ausencia deste estudo resulta, por exemplo, a concepção erronea de muitos paes que julgam encontrar, sempre, no filho um alto gráo de força intellectual e uma grande facilidade de desenvolvimento das faculdades affectivas.

Os sentimentos bons ou máos, a formação e conservação, no espirito, de idéas nocivas ou beneficas á Família, á Patria e á Humanidade, são devidos ao principio psychologico da hereditariedade e ás leis da adaptação, que não podem hoje ser contestadas.

Attender, pois a existencia de taes sentimentos deve ser, na educação, um dos primeiros cuidados dos que se dedicão á espinhosa tarefa de preceptor.

Começando-se por cultivar as sympathias e as affeições pode se eliminar ou diminuir de intensidade os sentimentos anti-sociaes e máos, em germen na constituição moral das crianças, e lhes preparar o espirito para a consciencia das impressões.

Julgamos necessaria, antes de tudo, á inoculação de idéas nos cerebros dos meninos, esta educação preliminar de que falla Pestalozzi e que deve começar no berço; pois, os nossos maiores vicios tem origem na mais tenra infancia.

A psychologia nos ensina que a aquisição de idéas está sujeita ás leis do discernimento e a faculdade retentiva, que augmenta a capacidade intellectual de que podemos ser naturalmente dotados.

Deve, por isto, o mestre esforçar se para fazer apparecer nos seus alumnos a consciencia, das differenças, consciencia que é a fonte de todo o exercicio intellectual, como muito bem nos ensina Alex Bain. Estudar as condicções favoraveis ao exercicio do discernimento e ao desenvolvimento da memoria é o mais importante trabalho de um mestre-escola, uma vez que a força desta faculdade não prejudique as outras operações intellectuaes. A este estudo deve seguir-se a analyse dos differentes grupos de phenomenos que constituem o espirito e a ordem do desenvolvimento de cada um delles, condicções necessarias ao emprego dos methodos de ensino e a consecução de resultados felizes.

Não basta, porém, attender ao mechanismo intellectual e emocional do alumno; é preciso que o mestre estude o seu proprio espirito, ou melhor conheça-se a si mesmo, como dizia o Moralista Grego.

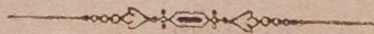
“ Avant d'entrer dans l'enseignement, avant d'accepter ce qu'on a appelé en termes un peu ambitieux peut-être, mais parfaitement justes cependant, le *sacerdote* de l'éducation, il faut s'interroger, s'éprouver, voir si l'on possède “ les douze vertus d'un bon maître ” on tout au moins si l'on se sent la volonté de travailles à les acquérir. (1)

A observação interna que deve fazer o mestre e a propria reminiscencia de seu estado psychico, quando criança, fornecerá excellentes meios de conseguir a educação de seus alumnos e de lhes transmittir conhecimento de uma maneira agradavel a si e aos que apprendem.

Longe de nós a pretensão de estabelecer principios que devam servir de base a arte da educação ; mas em nós o desejo ardente de vêr as crianças encontrarem, no estudo, um trabalho deleitavel e de ver os mestres incommodando-se menos com a importante missão que tem de cumprir.

OLINTHO VICTOR.

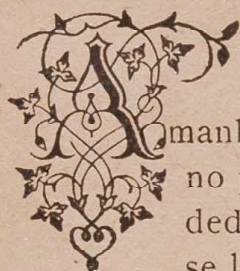
(1) Bronard. Paris 1890



DESCRIPTIVOS

1881—1884

I -- NO LITORAL



manhece. O passarinho
no palhiço do coqueiro
dedilha o canto primeiro
se levantando do ninho.

O Sol anda de mansinho
como um gavroche brejeiro
desmanchando o nevoeiro
pelo chão do azul marinho.

E' a hora da alvorada
e já na chôça a praieira
tange bilros na almofada.

Tudo se move. Da praia
as moças vão pela beira
molhando as pontas da saia.



II -- MANHÃS NO MATTO

O campo é accidentado. A antiga casa nobre
do grande lavrador descança ao pé da estrada.
Esparsa no estendal soergue-se a boiada
e a nevoa foge á luz do sol que se descobre.

No frio chão da varsea uns homens côr de cobre,
os escravos, uns dez, vão levantando a enxada.
Mal começou ha pouco a matinal toada
do *carro* na porteira atraz da qual se encobre.

Do rio que margeia alem o capoeirão
as vaccas mansas vem, á voz do capinheiro,
mugindo em direcção da cêrca do curral.

O Sol aos ares fende. E ao canto matinal
as aves dando fim se ausentam do terreiro.
O velho lavrador as portas abre então.

III -- O INVERNO NO SERTÃO

E' cêdo. A ventania
se move com furor ;
em todo o interior
reapparece a alegria.

Baixando á penedia
e áos valles, passo a passo,
as nuvens vão no espaço
ennegrecendo o dia.

Do vento ao som, que ruge
como medonha e feia
de furacão a voz,

o touro então — á sós —
galga o serrote e muge
annunciando a cheia.

IV --- NOITE DE NATAL

E' meia noite já. O vento frio
sacode pelo espaço illuminado
de toada plangente o murmurio :
á quatro bois um carro pelo prado

rodando vem. Na estrada para a egreja
— de pé no chão e sapatões á costa —
ao som de uma ballada sertaneja
os matutos subindo pela encosta

da larga cordilheira vão cantando.
Ja porem lá na frente da capella
ha muito immenso povo está esperando

a grande Festa. Os bronzes dão signal
e sôb o luar que amarellece a tela
o padre reza a missa do Natal.



V --- NAU NEGREIRA

Só pelo ceu ha ronda !
Do firmamento pardo
dispede olhar de dardo
por sobre a nau hedionda

o Sol. Do ultimo fardo
de raios cobre a onda,
sanguineos como o cardo.
E o Oceano estronda

furiozo nos pedraes
dos recifes. Mas ferra
o audaz pirata. Traz

negros mil no navio —
e os descarrega em terra
desassombrado e frio !

VI --- NO BANHO

Madrugada friissima, gelada.
Inda o sol nem desfez o nevoeiro
que alastra a varsea e já a passarada
ensaia a voz e as azas no ingaseiro.

O rio é largo e raso, claro como
uma baixela alvissima de prata,
e o areial do leito é — como um pomo
de romeira--vermelho. Da cascata

descem bolhas de espuma. A alva anagoa
a mocinha despindo á beira d'agua
no curvo ingá pendura descuidosa.

Os seios desvendou: Alvos, trementes,
como dois montes de jasmins olentes
e nos cimos dois seixos côr de rosa.

FERNANDO DE CASTRO.



Lindou-se hoje o 2.º capitulo da obra *Contribuições para a historia do Direito* do nosso illustrado collaborador Dr. Clovis Bevilaqua.

Só por isso occupou elle desta vez tão pouco numero de paginas na *Revista do Norte*.

Em compensação, do 3.º capitulo sob o titulo "Egypto Antigo" promettemos publicar porção muito maior de pags. nos numeros seguintes.

A DIRECÇÃO.